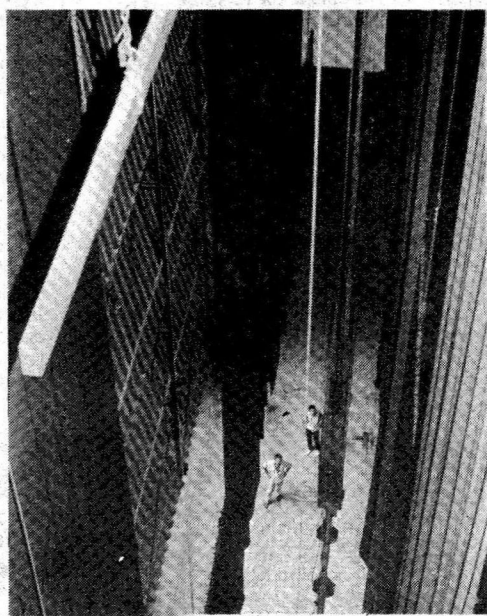


Quem se senta, comodamente, nas confortáveis poltronas do teatro não imagina o sufoco dos bastidores. Acima do palco há seis andadores de maquinaria para fazer a movimentação cênica.



Todos os mistérios da pirâmide

CARMEM MORETZSOHN
Da Editoria de Cultura

As pirâmides mantêm, até hoje, seus mistérios intactos. Tentar decifrá-los é penetrar num mundo de magia e superstição. Brasília também possui a sua pirâmide, expressa em forma de arte: o Teatro Nacional. De suas entranhas nascem fantasmas, cordas, estórias etc. Por trás dos palcos existem porões úmidos, altas estruturas e o trabalho de muitos profissionais.

Em finais da década de 60, um ex-expedicionário decidiu fixar residência nas construções da Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Ali, entre cimento, pó, madeira e barras de ferro, vivia com a mulher e procurava impedir a entrada de estranhos. Só que ele era pouco sensível às artes e, quando a Sala Martins Penna (funcionando em caráter provisório) recebia a presença de artistas, era fácil ouvir gritos e reprovações vindos do porão. Alguns anos se passaram e o "Neão" continuava o trabalho, caminhando como um anjo nas altas estruturas do Teatro. Um dia, não se sabe como, ele e a mulher apareceram mortos no fosso do elevador de serviços — que ainda não estava pronto. E hoje, dizem os supersticiosos, seu espírito ainda ronda o teatro, espantando aqueles que não o amam e atrapalhando o serviço de alguns funcionários. Qualquer semelhança com as estórias fantásticas das pirâmides do Egito será mera coincidência?

Estórias como esta existem como muitas, nos bastidores do Teatro Nacional. Cada funcionário tem uma para contar: arrepios que se sentem em determinados lugares, mulheres de branco que aparecem na madrugada, sussurros que se ouvem nos porões úmidos da Martins Penna. Entre as cortinas negras devem viver os protetores dos palcos. Mas qualquer teatro que se preze tem que ter os seus fantasmas. E isto que lhe concede a aura de mistério desejado por todos aqueles que o frequentam. E o Teatro Nacional não foge à regra, mesmo sendo um dos mais novos espaços culturais do Brasil.

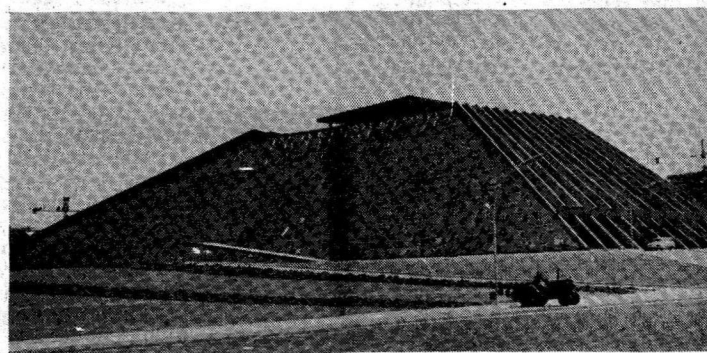
Entre camarins, escadas e longos corredores, existem labirintos que só os funcionários mais antigos são capazes de decifrar e não é difícil — contam eles — encontrar pessoas perdidas, algumas chorando por acreditar que não sairão mais dali. Talvez aí mesmo resida o fascínio: em porões onde se empilham cenários antigos. Para se chegar a um destes, é preciso coragem e disponibilidade. São enormes salas úmidas, localizadas a mais de 10 metros de profundidade. Ali, os funcionários evitam ir sozinhos. Pois há casos como este: Jandelson, matuto recém-chegado à cidade, caminhava sozinho pelos porões. Sentiu um toque em seu ombro, como se alguém o estivesse chamando. Virou-se para os dois lados. Não viu ninguém. No dia seguinte, apresentava seu pedido de transferência. "Yo no creo em brujas, pero que las hay, las hay", reza a lenda.

Há também os que se aproveitam do medo dos outros. O chefe dos eletricitistas, Formiga, foi vítima de uma destas brincadeiras. Ele passava, tranquilamente, pelo palco escuro da Martins Penna, quando um

amigo resolveu pregar-lhe um susto: escondido por trás das cortinas, agarrou Formiga que, ao sentir-se preso por um "fantasma" ficou branco e desmaiou. E mais: existem as "almas penadas" que gostam de tomar emprestado o objeto alheio. Estes fantasmas não restringem sua atuação aos teatros e atacam também os escritórios da Fundação Cultural. E o próprio diretor-executivo da entidade, Reynaldo Jardim, já foi vítima deles: "perdeu" duas camisas de seda, algumas canetas tinteiro e as máquinas elétricas de suas secretárias ficaram sem as esferas de letras. Diz Reynaldo Jardim: "Comenta-se à boca pequena que o fantasma também rouba a mulher dos outros". E prova que tem bom-gosto e procura se vestir bem: durante sua rápida passagem pelo Teatro Nacional, o bailarino japonês Kazuo Ohno ficou sem um lindo xale que havia ganhado das mãos da cantora Antonia Mercês, La Argentina, que ele homenageava no espetáculo. Foi, sem dúvida, uma grande ousadia do "fantasma".

Quem se senta, comodamente, nas confortáveis poltronas das salas do Teatro Nacional e assiste a qualquer espetáculo, não imagina a função de diversas pessoas nos bastidores. Não é fácil, por exemplo, levantar uma vara manual ou movimentar cenários. E preciso muito. E isso é o que não falta. Acima do palco, há seis andares com toda a maquinaria necessária para a movimentação cênica. Para a apresentação da ópera *A Flauta Mágica*, por exemplo, os funcionários sofrem e suaram: era preciso levantar "três anjinhos" que, de leve, só tinham as asas. "No princípio até que era fácil, mas quando chegava no meio do caminho, as mulheres ficavam pesadas mesmo", afirmam. No mesmo espetáculo, um personagem surgia do fosso. Para que isto ocorresse de forma perfeita, foi preciso o trabalho de mais dois maquinistas.

Segundo Chibiu, Caçador de Orelha, Xerife, Cabeção, Mala Velha, Bocão, Zê Gatinho, Chá Preto e Magela, alguns dos 34 integrantes da equipe técnica do Teatro Nacional, o período em que tiveram mais trabalho foi durante a visita do *Balé Bolshoi* à cidade. Houve muito suor e muita briga. "Os russos eram muito chatos", contam. Para que os cenários desces-



Uma inspiração de Niemeyer

O Teatro Nacional (foto), cujas obras foram iniciadas em 1960 e terminadas em 1981, é mais uma das criações de Oscar Niemeyer. Tem medidas irregulares: 46 metros de altura, 136 de lado, 95 na frente que dá para a rodoviária e 45 na parte voltada para a Esplanada. Lá, funcionam três salas — Martins Penna, para 400 pessoas; Villa-Lobos, com 1307 lugares e Alberto Nepomuceno para até 85 espectadores. No seu interior estão instalados a sede da Fundação Cultural, camarins para 400 artistas, restaurante, lanchonete, oficinas e salas de ensaio.

sem na hora certa, a gerência (feita por Wilson Borges) precisou contratar mais 23 profissionais e prepará-los em apenas quatro dias. Afinal, o balé movimentava sete varas e, num tempo de um minuto e meio, era necessário trocar todo o cenário. "É um trabalho complexo que ninguém dá valor", queixa-se o gerente do teatro, Wilson Borges, que completou 20 anos de atuação nos palcos da pirâmide.

As altas estruturas que cobrem os palcos bem poderiam servir para um filme de suspense. Pouco iluminadas, cheias de cordas e pesos de aço, formam o cenário ideal para a aparição de mais um *Fantasma da Ópera*. Os funcionários sabem disso e não deixam ninguém subir, a menos que conheça bem o funcionamento das tomadas, dos fios, dos elevadores. Qualquer passo em falso pode ser fatal. Coordenando o Núcleo Técnico está Magela, responsável pelo trabalho dos maquinistas, iluminadores e sonoplastas. E ele quem argumenta: "Um erro pode ser fatal, pois a operação de um painel destes não é brincadeira".

E, enquanto o forro alto da pirâmide abriga vários morcegos e uma estrutura de fibra de vidro — que já enganou muita gente, a ponto de ser responsável pela queda (e morte) de algumas pessoas — os porões

também têm estórias para contar. Afinal, o Teatro Nacional está localizado sobre uma mina de água que, inclusive, acolheu muitos dos trabalhadores que participaram da obra de construção do prédio. Caíam em fundos buracos e nunca mais eram encontrados. São estórias fúnebres, mas nem só de morte vive a lenda do Teatro Nacional.

Quando se sentam para recordar casos engraçados e/ou curiosos, os funcionários do Teatro parecem ser uma grande família. Zombam de medo de uns, dão gargalhadas dos erros de outros. E nem os artistas saem impunes. Como a soprana Wanda Oiticica, durante a apresentação do espetáculo de sua despedida dos palcos, na Sala Villa-Lobos. Quem fala é "Mala Velha": "De repente, no palco, surgiu uma barata enorme. Quando ia chegando perto da cantora (que não a percebeu), esta dava um agudo e a barata fugia, com medo. Então, a despedida que deveria ser comovente, acabou virando uma comédia". Mas, a isto, Magela complementa: "E as galinhas do Jorge Antunes que você matou". Todos riem e falam ao mesmo tempo. E o caso é o seguinte: o maestro Jorge Antunes resolveu utilizar galinhas na montagem de *Corpo Santo*. Alugou algumas e pediu a "Mala Velha" que as alimentasse e prendesse. Só que o "Mala" talvez distraído, amarrou as coitadinhas pelo pescoço e não pelos pés. Ou seja, ao tentarem sair, puxavam a corda e iam se matando, umas às outras. No dia seguinte, houve galinhada no almoço.

Casos como este são incontáveis. Nas brincadeiras não escapam nem mesmo os sérios e compenetrados japoneses do *Teatro Kabuki*. Logo, viram chacota quando tentam — e não conseguem — pregar uma parte do cenário. "Chibiu", atento, logo arrasa: "É que o vento está balançando muito o prego, por isso você martelou seu dedo". O japonês, sem entender direito, olha para o lado e sorri.

Todos os funcionários têm, no mínimo, cinco anos de casa. "É uma cachaca", dizem eles. E Wilson Borges complementa: "A gente faz tudo de coração e isso não tem dinheiro que pague". Um trabalho pouco reconhecido, sem o qual, no entanto, nenhum espetáculo poderia ser apresentado. Um trabalho que exige força, tempo e até sangue frio para ajustar a luz de uma peça, de madrugada, ao mesmo tempo em que uma mulher de branco cruza a passarela do primeiro andar.

Réplica do túmulo de Kéops

Uma série de coincidências entre a arquitetura de Brasília e os monumentos do Egito inspirou a arqueóloga Yara Kern a escrever uma tese sobre a longa caminhada das pirâmides até Brasília: *De Aknaton a JK*, livro que também inspirou um vídeo já exibido em diversos países e descreve 18 pontos similares entre Brasília e a terra dos faraós, além de apresentar um estudo sobre a simbologia da cidade.

"Estas similitudes não são ocasionais", acredita Yara, "fazem parte de toda uma programação cósmica".

A arqueóloga, que viveu dois anos no Egito e de lá retornou com a tese pronta, define o Teatro Nacional como uma réplica perfeita da pirâmide de Kéops, do Egito, onde as 36 formas piramidais foram religiosamente repetidas. Da mesma forma, o H do prédio do Congresso representaria o homem de pé-simbolo da imortalidade, pano-de-fundo de toda a cultura egípcia, assim como a área que onde está a rodoviária em forma de I (um H deitado, representa o homem deitado). O memorial JK seria uma perfeita tumba egípcia (toda coberta em mármore) e as duas conchas: Senado e Câmara simbolizariam o recebimento e depósito de energias.

A arqueóloga lembra, ainda, que assim como Aknaton, que fundou no ano 3.200 antes de Cristo a cidade de Aton, sobreviveu apenas 16 anos após criar a cidade, JK também não chegou a ver Brasília completar 17 anos.

Dentro de pouco tempo uma agência de viagem planeja divulgar um mapa turístico da cidade com os 18 pontos detectados pela arqueóloga, que servirá de roteiro para quem desejar conhecer esse lado místico de Brasília. Enquanto isso, Yara dirige no Instituto de Cultura Antiga um trabalho voltado para o estudo esotérico da Capital. (Elza Martins).